

“O VERBO SE FEZ CARNE”; E “FOI CHAMADO COM O NOME DE JESUS”. “ERA LUZ VERDADEIRA” ETC.*

Nicolau de Cusa

1. Nesse evangelho, verbo, vida e luz significam o mesmo. Por isso, logos, ou verbo, porque é ideia (ratio), é vida e luz. Isso porque a ideia “ilumina e dá intelecto aos pequenos” etc. Ele diz que o verbo “era luz verdadeira”. Pois é luz por si, não tendo o ser de luz de outro, e assim é luz que ilumina todo homem. Pois não há outra luz para a razão (rationis) de todo homem que vem a este mundo a não ser a iluminação daquela luz.

2. Disso, tem-se que a alma racional depende daquela luz eterna, da qual tem tudo que é, e não depende daquelas coisas que estão neste mundo: pois vem a este mundo daquela luz que “disse ‘faça-se a luz’ e a luz se fez”. Note-se que a alma racional não é aquela luz, como acreditavam certas pessoas que diziam haver uma única alma que seria Deus, e essa seria distribuída a todos os homens, mas é aquela iluminação como a iluminação da luz solar ilumina a multidão das estrelas etc., e as estrelas não são a própria luz solar nem partes dela, mas seus efeitos etc.

3. Nota que o homem é nominado pela forma principal, a saber, intelectual, que não é deste mundo, mas vem a este mundo “descen-

* Texto tirado de KOCH, Josef (ed.). **Cusanus-Texte I. Predigten**. 2/5 Vier Predigten im Geiste Eckharts. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1937, p. 74-83. Tradução de Enio Paulo Giachini.

dendo do pai das luzes”.

4. Nota também que diz: “todo homem que vem a este mundo”. Quando vem a este mundo, portanto, vem de outro. Há portanto outro mundo da razão absoluta, no qual tudo está em razão, e dele descende a imagem daquela razão ou a iluminação daquela luz ou a vivificação daquela vida. A alma intelectual, portanto, sendo imagem do Verbo eterno, tem dentro de si tudo como imagem e por isso é a semelhança das coisas, assim como seu exemplar originário (exemplar) é a verdade das coisas. Por isso, a verdade é seu objeto. Pois dele ela tem tudo que tem, como a visão tem seu ser vital do objeto, a saber, o ver e o ser visto coincide com o ver etc. Cf. em Jordano, após Eckhart. A luz da razão se reporta a seu objeto de certo modo como a luz do olho com o seu.

5. “Estava no mundo e o mundo foi feito por ele”. Nota como nada é sem causa e sem razão. Portanto, uma vez que onde quer que algo esteja, isso não se dá sem razão, assim o verbo sempre “estava no mundo”, pois “o mundo foi feito por ele”. Mas “o mundo não o conheceu”. Nota que diz “o”, porque no grego, de onde se fez a tradução, *logos* é de gênero masculino. Observa as palavras “estava no mundo” e no entanto esse “mundo foi feito por ele”.

6. Observa que, embora tenha sido feito por ele, o mundo sempre foi, assim como o raio sempre foi enquanto o sol foi, embora dependa do sol. O criador sempre foi e nele não há mutação nem vicissitude. De onde se conclui que o mundo sempre foi. Pois não poderia ser nem ser concebido diversamente, pois o seu criador é eterno; e visto que o mundo sempre foi no poder de seu criador, o mundo sempre esteve no criador. Ao se dizer, pois, que o mundo eterno foi criado, visto que o mundo eterno nada mais é que o próprio criador, surge a pergunta sobre como foi criado este: assim, o mundo visível seria criado por ele, invisível em si mesmo é tornado visível por si mesmo e tudo isso significa que esse mundo eterno e invisível se fez temporal e visível: como se o que sempre foi invisível quisesse fazer-se visível por causa de sua própria glória; para isso se

fez visível, assumindo qualidades visíveis. Nota pois que o eterno não pode criar algo outro coeterno; pois não pode haver dois ou mais eternos. Uma vez que o mundo se tenha mostrado ou feito a si mesmo temporal isso aconteceu porque não poderia tornar-se visível de outro modo. Assim, a eternidade não pode mostrar-se a não ser temporalmente como beleza visível.

7. De certo modo, toma para isso o exemplo do livro da Sabedoria. Pois querendo mostrar-se, a sabedoria compôs um livro de si. No livro da sabedoria, portanto, a sabedoria sempre esteve, e o próprio livro foi feito pela sabedoria, e o livro não conhecia a sabedoria, e sem a sabedoria o livro não contém a não ser a sabedoria e de tal modo que esse é o melhor meio de se comunicar e mostrar sensivelmente. Mesmo assim a sabedoria não é a forma do livro, mas permanece em si absoluta.

8. O mundo é como livro de arte eterna ou de sabedoria. Sendo que a sabedoria criou ainda alguns seres capazes de sabedoria, que tem uma maior semelhança própria com ela, e são de natureza intelectual, assim como um livro que procede demonstrativamente mostra a sabedoria de forma mais clara que um livro que procede retoricamente. E muito embora os que são capazes para a sabedoria pertençam propriamente à própria sabedoria e que ela descenda para junto deles como seres capazes de apreendê-la, mesmo assim eles não a receberam como sua própria. Nota que embora alguém saiba poder tornar-se mais sábio, nem por isso a sabedoria não foi recebida, mas apenas uma participação nela. Mas a sabedoria absoluta, que é a arte da onipotência, não foi recebida como é, nem nos anjos, nem nos homens nem nos profetas. Por causa disso, as obras de sua arte permaneceram imperfeitas. E nota como Cristo disse que “nem Salomão em toda sua sabedoria” etc.

9. Essas palavras “e os seus não o receberam” encontram-se, segundo Agostinho, também nos platônicos; de tal modo que pode ser exposto como o foi acima. Mas pode ser explicado também de outro

modo, como São João, a saber, que o Cristo permaneceu ignorado, e embora profeta, não foi aceito em sua própria terra natal, como diz etc.

10. Observa como diz: “Não receberam” etc. isso não se deve à sabedoria, que nem toda natureza racional a possui, mas deve-se às próprias mentes criadas, que não a recebem. O Apóstolo Tiago disse: Se alguém quiser sabedoria, que peça. Daí que é preciso que a mente se perceba indigente e que se aplique, através de uma humilhação devota, e desejando querê-la e pedi-la. Pois tudo isso pressupõem que uma fé constantíssima possa alcançá-la.

11. “Qualquer um que” etc. Nota: a sabedoria é o Filho de Deus, e portanto onde é recebida, recebe-se a filiação de Deus. Pois a filiação é gerada naquele que a recebe, assim como a sabedoria de Platão torna platônico quem a recebe. Mas essa filiação nada mais é que ser nascido de Deus. Ninguém se faz filho de Deus, portanto, a não ser que seja nascido de Deus. Ser nascido de Deus, portanto, é quando o espírito racional se torna semelhante ao filho de Deus, que é a sabedoria eterna. Aquele portanto pode chegar à possessão, ou seja, ao conhecimento ou à visão do Pai face-a-face. E muito embora essa filiação não aconteça a não ser pelo concurso da vontade, não se dá “pelo sangue” ou “pela vontade da carne” ou “do varão” etc.